

# PIGNATARI NARRA A LUTA ENTRE A POESIA E O AMOR

O poeta lança o seu primeiro romance, "Panteros - Uma Autobiografia Não Autorizada"

ALCINO LEITE NETO

Editor-adjunto do Mais!

MARCOS AUGUSTO GONÇALVES

Editor do Mais!

Dois anos fora da mídia e da mídia. É assim que Décio Pignatari, 65, gosta de se referir ao exílio que se impôs desde 1990, ao silêncio imperturbável que manteve, não publicando nada, não escrevendo para nenhum jornal, não dando uma declaração sequer.

Dois anos, para que pudesse terminar "Panteros - Uma Autobiografia Não Autorizada", seu primeiro romance, que chega às livrarias este mês, editado pela 34 Letras. Para que pudesse recontar a história do mais arrebatador de seus amores, uma paixão adolescente que até hoje lhe é incompreensível, o maior enigma, mas também a história de uma época, o Brasil da Segunda Guerra e de depois. Época tumultuada e cheia de descobertas, vista desde os olhos de um garoto de subúrbio, jogador de futebol de várzea em Osasco, São Paulo, um menino como ele próprio, Décio.

Poeta, crítico, ensaísta, tradutor, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, um dos criadores da poesia concreta, Pignatari promove em "Panteros" um duplo reencontro: com o amor juvenil e a prosa, para tentar sobretudo desvendar um outro mistério, o da própria criação artística.

Folha - De onde vem esse título, "Panteros"?

Décio Pignatari - "Panteros" são uma espécie de metáforas remontadas. É uma disputa, um confronto entre uma paixão adolescente, tipo Romeu e Julieta, e o surgimento de um sinal artístico no personagem masculino. Entre a paixão juvenil e as emoções de um tempo bem classe média de subúrbio, Osasco anos 40, vai surgindo um choque com uma paixão cultural, a frieza dos signos, especialmente a literatura. A medida que o menino vai entrando no universo da arte, ele entra em conflito com o amor, com a coisa emocional. Aí surge a Outra, mas que não é gente, é bicho.

Folha - E o bicho é uma pantera, como no filme "Cat People", com Nastassia Kinski...

Pignatari - É uma pantera, que vai crescendo pouco a pouco. É o mesmo fenômeno de "O Sangue de Pantera", mas o filme que eu menciono é o original, com Simone Simon. Só que em vez de gente que se transforma em pantera, é um bicho que vai se formando a partir de um texto. Mas a primeira idéia que me ocorreu era baseada num pensador e enciclopedista medieval chamado Brunetto Latini que foi professor de Dante Alighieri, que o colocou no Inferno, por suas tendências homossexuais, mas de um modo muito carinhoso, que não parecia um condenado. O Brunetto desenvolveu uma enciclopédia dos conhecimentos, o "Tesouro" e, na parte reservada aos bichos, ele descreve a pantera como um animal que soltava um tal perfume, que inebriava os animais da floresta em volta, e eles, atraídos para ela, acabavam servindo de alimento. Em seguida vem um conto muito bonito de Balzac, "A Paixão no Deserto", uma estranha história de um soldado perdido num deserto que se esconde numa gruta e acaba convivendo com uma pantera, que se apaixona pelo soldado. Então eu traduzi e resumei esta história e, pouco a pouco, como se fossem fotografias ao longo do romance, como se a câmera fizesse um zoom, este texto vai crescendo e certas palavras vão se transformando num bicho, numa pantera. Aí, enfim, na disputa entre uma pantera que nasce de um certo texto e a namorada, este conflito vai se

resolver de um determinado modo, que é o mistério hitchcockiano do livro. Essa é a idéia da pantera. E eros, na verdade, porque é a erotização do texto de um lado, e obviamente o eros existente no namoro. Então, é o velho conflito entre a arte e a vida. São quase duas paixões no deserto.

Folha - O último livro de traduções que o sr. lançou, "Retrato do Amor Quando Jovem" poderia ser considerado uma espécie de ensaio para a criação deste romance?

Pignatari - Sim, foi. E além de toda parte ligada ao amor, tem o lado da disciplina. A poesia foi uma roda viva que me levou, mas sempre fui fascinado pela prosa. E para enfrentar a prosa — que eu disse certa vez ser um signo do inferno, do diabo — é preciso toda uma outra disposição do espírito. Eu me falei: ao invés de ficar fazendo traduções, vou me impor uma disciplina, de modo que eu seja obrigado a trabalhar diariamente. Vou traduzir grandes peças que eu sempre gostei desde a adolescência, que me impõem uma disciplina e que têm inclusive certa proximidade de enredo, como "Vida Nova", de Dante, e "Romeu e Julieta" de Shakespeare, principalmente. Foi o que fiz em "Retrato do Amor Quando Jovem". Trabalhei dez meses nessas traduções. Antes disso, ao escrever um livro de contos, que foi a primeira parte de meu projeto de prosa, "O Rosto da Memória" (Brasiliense, 1986), comecei a sacar a técnica e o modo de escrever a prosa mesmo, não a prosa poética. E em um dos contos, "Frasca", há toda a técnica de fragmentos, onde eu me encontro.

Folha - "Panteros" foi todo escrito na Itália?

Pignatari - Não. Comecei realmente em Montalcino, uma cidade que fica uns 40 km ao sul de Siena, mas terminei no Brasil. Foi um inverno muito forte aquele de 1990 na Itália. Eu trabalhava sempre à tarde, usando o método de Scott Fitzgerald. Ia escrevendo fragmentariamente e grudando os textos em um quadro, segundo a ordem dos capítulos. Não tinha uma linearidade. Fiquei lá 50 dias e escrevi metade do livro. Depois, vim para o Brasil, reli o que tinha escrito e não gostei de muitos trechos. Fui escrevendo então de um modo crítico e fiz uma operação final de escritura e reescritura que levou 15 dias. Ainda hoje, é melhor eu não rere o livro, porque sou capaz de não gostar.

Folha - O sr. viveu realmente a história de amor narrada no livro?

Pignatari - Vivi, conheci e li. Tudo ao mesmo tempo. Havia um sentimento geral. Eu pertencio a essa categoria de homens carentes que estão sempre apaixonados pelo primeiro aceno feminino. Vivi um encadeamento de paixões. Só que aconteceu este caso, que justamente por ser inexplicável é que eu tento explicar. Por ser inexplicável, eu escrevi o romance. Foi um amor que começou a se autoalimentar, que na verdade vivia muito mais de torturas, melancolias e tristezas do que de euforias adolescentes, e que foi uma fixação muito estranha. Sempre achei muito estranho que determinadas lembranças ficassem, como por exemplo, Dante, meu guru maior, quando ele escreve sobre Beatriz. Como é possível ele ter gostado daquele jeito daquela moça, com a qual ele nunca namorou? Como é que ele ficou com aquela moça na cabeça e construiu toda uma obra pensando nela até transformá-la quase na Virgem Maria? Ela tinha nome, tinha nove anos quando ele a viu pela primeira vez, se chamava Beatriz Portinari, tinha amigas, frequentava a praça pública de Florença. Então, me impressionou a idéia de mostrar que, ao contrário do que as pessoas pensam, um amor adolescente pode ser muito profundo.

Folha - O sr. voltou a ter contato com essa menina que foi sua paixão juvenil?

Pignatari - Bom, depois ela se casou com um amigo meu, está viva, e eu a revi de vez em



O poeta, crítico e ensaísta Décio Pignatari, 65, que está publicando o romance "Panteros"

quando, para um cumprimento e uma conversa. Ela teve toda uma outra vida. Continuou morando em Osasco, depois se mudou. Ele era um grande amigo meu, o marido dela. Engraçado que não foi só da minha parte, ela também sofreu esta espécie de feitiço, de encantamento. O meu amor pela poesia começou ao mesmo tempo, comecei a escrever meus primeiros poemas com 13, 14 anos. Ela tinha 12. A Yara do livro é ela, a própria fotografia que aparece no volume é dela. Eu misturo ficção com realidade.

Folha - Yara sabe da existência

Quando li o primeiro romance moderno, "Olhai os Lírios do Campo", fiquei perplexo; havia um menino que se masturbava; aquilo manchava meu mundo

cia dessa sua "autobiografia não autorizada"?

Pignatari - Sabe. Agora, qual vai ser a reação dela, do marido, não sei. Somos pessoas civilizadas, e não tem nada de mais você falar de uma coisa que se passou há 40 anos. Era uma história, de resto, que as pessoas conheciam. Expliqué-la é que é difícil. Foi como se dois adultos, vividos e conhecidos, tivessem reencarnado em dois adolescentes.

Folha - Que efeito o sr. acha

que sua história de amor, amor à arte também, pode produzir nas pessoas neste momento?

Pignatari - Não posso saber. É claro que o modo como hoje um adolescente namora é muito mais bonito e livre que antes. E alguma coisa desse clima de muitos anos eu vi depois, não num romance, mas num filme, de um diretor que eu admiro demais, embora tenha cometido seus pecadinhos políticos; que é Elia Kazan. Quando assisti "Splendor in the Grass" ("O Clamor do Sexo"), vi um pouco deste clima que eu vivi e queria para este romance imaginá-

rio que eu haveria de escrever. Essa história de amor adolescente, ou primeiro amor, tem todo um folclore atrás de si, desde que o Byron disse que o grande amor, o único amor, é o primeiro (enquanto que Oswald de Andrade dizia: aquele amor, nem me fale). Esse primeiro amor é uma espécie de doença traumatizante e ele marca demais o relacionamento futuro. É o que é estranho, é que a primeira iniciação amorosa é através da emoção, do sentimento, e não através do tesão. Como se explica

isso: que a emoção, a paixão, o lado puramente impalpável seja mais forte que a materialidade do sexual e do erótico? É o que Lacan fala: a gente se apaixona vestido. Parece simples, mas não é.

Folha - Paralelamente a esse amor, corre a Segunda Guerra. Qual foi a sua experiência da guerra?

Pignatari - Tenho muitas lembranças, porque eu vivia num ambiente internacional, onde havia muitos refugiados estrangeiros que foram colegas meus, particularmente judeus, de várias nacionalidades. O primeiro choque com a guerra foi justamente em 39, no recreio no Mackenzie, quando um colega meu chegou e disse: "Hoje começou a Segunda Grande Guerra". Foi um tremendo susto. Como ele tinha consciência do que estava acontecendo? Eu não tinha nenhuma. Em seguida, as coisas começaram a ficar pretas. Começou o racionamento, não havia trigo, não havia pão. As pessoas dos lugares vizinhos tomavam o trem para comprar pão em Osasco. As únicas padarias que ainda tinham pão de trigo faziam filas enormes e as mulheres, aquelas russas que vinham da redondeza, saltavam pela janela do trem para chegarem primeiro na fila. Depois, começou a faltar combustível, veio o gásmetro. Deixou de haver filmes europeus. Só tinha filmes americanos, que contavam a história da guerra. E você não podia deixar de participar da guerra, devido ao cinema. As grandes salas de cinema em São Paulo, os palácios, surgiram no tempo da guerra. Entrar numa sala daquelas era um privilégio de música, de iluminação...

Folha - Como o sr. convivia com esses mundos tão diferentes, o de subúrbio de São Paulo e do então moderno colégio Mackenzie?

Pignatari - Eu vivia um mundo duplo. Era da classe média suburbana, católica, de Osasco, meio moleque de rua, e estudava no Mackenzie, em São Paulo, que era uma escola protestante, moderna, onde predominava o liberalismo democrático, a idéia capitalista. Até os 14 anos eu vivia descalço, correndo pelos campos com os amigos. Quando voltava do Mackenzie ia logo jogando fora os sapatos. O Brasil não tinha universidades de verdade, só existiam as faculdades isoladas. E o Mackenzie era um campus mesmo. Estudei lá oito anos, todo o curso secundário, o ginásio e o científico, de 39 a 46. Por isso "Panteros" é um romance onde não se fala brasileiro. É um outro Brasil, não é um universo da expectativa do que seja o Brasil. É um romance que se move num mundo industrializado, urbano e meio internacional. E que era o daquela juventude, onde pela primeira vez as meninas faziam ginástica com pernas de fora, onde se dançou o primeiro swing, se tomou a primeira Coca-Cola.

Folha - Quando o sr. começou a escrever, seu primeiro impulso foi dirigido para a prosa ou a poesia?

Pignatari - Na verdade, o escrever é muito e fundamentalmente dependente do ler. É o ler que faz o escrever. Eu, por uma disposição não sei qual, não era do tipo atlético, embora tivesse sido dotado depois de duas pernas bem montadas, com músculo e articulação, o que me permitiu jogar um bom futebol de várzea. Adorava futebol. Mas por alguma razão, eu desenvolvi uma grande facilidade de leitura. O mundo da escritura estava presente em minha casa. Minhas irmãs mais velhas eram professoras, estudavam em São Paulo e gostavam de ouvir no rádio uma hora literária. Meu irmão, que também estudou no Mackenzie, aprendia a ter uma letra bonita, caprichada, no sentido americano, gostava de um livro bonito. Eu gostava de ver aquelas letras de jornal, com aquelas manchetes grandes: acabou o canção, estourou a revolução de 32. Adorava quadrinhos, colecionava tiras, desenhava o Príncipe Valente. Daí veio o ginásio e decidi-se tudo, porque no ginásio eu era tipo "cdf" que nos quatro anos passei com média 9,3. E ainda havia três alunos na minha frente. Você pega então aquele vício e não para, e vai passando por todas as escolas, o romantismo, o parnasianismo... Quando eu vi o primeiro romance moderno fiquei perplexo, morrendo de vergonha. Era "Olhai os Lírios do Campo", de Erico Veríssimo, que tem um menino que se masturbava. Eu disse: se que coisa nojenta. Aquilo manchava meu mundo.

Folha - O sr. se lembra de algum dos primeiros poemas que escreveu?

Pignatari - Eram bobagens como: "Que bela és, tu, Helena/Desde os teus pés à fronte amena". O choque com o moderno veio depois da Guerra. Surgiram, então os filmes europeus que você não entende nada. Como é possível "Roma Cidade Aberta", de Rossellini? Foi tão chocante para nós, acostumados ao cinema americano durante sete anos! E aí vem a adolescência e você tenta imitar os personagens. Eu quero o racionamento, não havia trigo, não havia pão. As pessoas dos lugares vizinhos tomavam o trem para comprar pão em Osasco. As únicas padarias que ainda tinham pão de trigo faziam filas enormes e as mulheres, aquelas russas que vinham da redondeza, saltavam pela janela do trem para chegarem primeiro na fila. Depois, começou a faltar combustível, veio o gásmetro. Deixou de haver filmes europeus. Só tinha filmes americanos, que contavam a história da guerra. E você não podia deixar de participar da guerra, devido ao cinema. As grandes salas de cinema em São Paulo, os palácios, surgiram no tempo da guerra. Entrar numa sala daquelas era um privilégio de música, de iluminação...

Folha - Os filmes parecem ter marcado o sr. tanto quanto os livros.

# Vidal cozinha leitor na política

'Washington, D.C.' chega 25 anos depois de publicado e se mostra um 'romance Bill Clinton'



O escritor norte-americano Gore Vidal, quando de sua visita a São Paulo em julho de 1989

DANIEL PIZA  
Da Redação

Ele deve estar feliz como nunca, apesar de já não ser o jovem bonito que foi. O vaidoso Gore ("Um narcisista é alguém mais bonito que você") Vidal acabou de lançar nos EUA dois livros, "Screening History" e "Live from Golgotha", e participar como ator de um filme que ajudou a escrever, "Bob Roberts". Preficiu a última coletânea de Mencken, "The Impossible H. L. Mencken", editada pela Doubleday no primeiro semestre, e colabora copiosamente em mil publicações, entre elas "The New Yorker". E, aqui, chega esta semana às livrarias "Washington, D.C.", escrito entre 1962 e 66.

Apesar de tanto atraso, "Washington, D.C." chega em boa hora. É um livro recheado dos dois temas prediletos de Vidal: política e sexo. São 400 páginas de comentários políticos e reflexões eróticas, conduzidos pelo humor e inteligência de Vidal. Não é um livro exatamente dispensável, mas que perdeu muito do interesse que deve ter provocado quando lançado (1967). Para explicar, basta dizer que o mais divertido no livro é pinçar as frases que Vidal poderia atribuir a si, em vez de a algum de seus atraentes personagens. É como se diz: ele é muito melhor ensaísta que ficcionista.

"Washington, D.C." não chega a dar vontade de largar, mas, sim, de saltar aqui e ali. É extenso,

## A OBRA

Washington D. C., de Gore Vidal. Tradução de Haroldo Netto. Editora Rocco (rua da Assembleia, 10, tel. 021-224-5859, Rio de Janeiro). 400 páginas. Preço ainda não definido.

extensivo e extenuante. Mas não sejamos tão rigorosos. Vidal o escreveu para vender, e nisso aplicou menos seu talento que as fórmulas de um best-seller; dados interessantes, personagens incoerentes (no caso, a elite política), ação (transas, crimes, tramóias) — tudo que faz o homem médio ler coluna social, biografia e folhetim. Mas, como nesse campo é difícil arriscar previsões (depois de "O Nome da Rosa"), não dá para saber se "Washington, D.C." será best-seller por aqui.

Claro, é difícil a uma personalidade como Vidal não imprimir sua marca em tudo que faz. Quando ele (ou algum personagem seu) diz "Ainda estou para ver alguma coisa mais inútil do que um senador dos EUA derrotado", ou "A política é a única profissão em que as pessoas medíocres podem conseguir a atenção do mundo através da calúnia" — vê-se o quê? O velho e bom e inquieto Gore Vidal.

E há cenas boas, assim como achados de estilo. Como exemplo médio de um tipo de tirada recor-

rente no texto, veja a fala de Enid no começo: "Estava com Harold Griffiths. Fizemos amor num colchão de borracha lá no vestiário dos homens, ouvindo o rádio. Esqueci qual era a estação". Esta última frase é Gore Vidal "puro". Enid é o pomo sexual da discórdia política entre dois políticos iniciantes, Peter e Clay — assim já está resumida a trama do livro. O resto é Vidal e literatura. Literatura mediana.

O livro se passa nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial, durante o governo de Franklin Delano Roosevelt. No prefácio à citada coletânea de Mencken, Vidal escreve que F.D.R. foi a personalidade política dos EUA mais fascinante do século 20, assim como Mencken no jornalismo. Comparação acertada mas velha, claro — Mencken e Roosevelt se odiavam como político brasileiro e Constituição se odiavam. Mas os políticos (ogres conservadores) de Vidal apenas orbitam em torno de F.D.R. e do senador McCarthy.

Vidal é potencialmente capaz com ninguém de fazer essas caracterizações: seu avô, Albert Gore, foi um dos senadores mais importantes da história dos EUA. É por isso que não lhe foi tão difícil fazer o papel que lhe coube em "Bob Roberts" — o que não é demérito nenhum para sua sabrosa atuação. Pena que essas caracterizações se diluam na narrativa arroz-com-feijão de "Washington, D.C.". O livro é o equivalente literário de Bill Clinton: bem penteado, mas oco.

# Dines expõe trajeto da inquisição no Brasil

LUIS S. KRAUSZ  
Especial para a Folha

"Vínculos de Fogo", de Alberto Dines, é um livro incomum. Difícil classificá-lo em algum dos gêneros conhecidos. Pesquisa histórica? Documento? Ficção histórica? Jornalismo? Ao longo das mais de 1.000 páginas do primeiro volume desta obra alternam-se e completam-se estas diversas possibilidades formais da arte de escrever e recontar.

Abre-se o livro com uma descrição quase teatral da execução de Antonio José da Silva, brasileiro, advogado, poeta e comediógrafo, numa fria madrugada, em Lisboa, 1739. A vítima, executada pelo Santo Ofício, é acusada de "judaizar", reincidentemente. O que se segue é uma paciente procura dos tortuosos caminhos da inquisição, particularmente no Brasil, onde veio buscar não poucas de suas vítimas, assim como uma história dos cristãos-novos na colônia, de seus sonhos e aspirações, de suas glórias e de sua desgraça, de traídos e traidores.

Solidamente fundamentado numa extensa pesquisa documental, este primeiro volume do trabalho de Dines começa com os primórdios da inquisição e acaba no momento em que, acompanhando

a família aprisionada, o menino Antônio José da Silva deixa, no interior de um navio, o Rio de Janeiro, a terra natal.

Revelam-se todos os mecanismos do gigantesco e implacável Santo Ofício, Kafka antes de Kafka, cujas engrenagens cada vez mais monstruosas alimentam-se de acusados de heresias. Sustentam o funcionamento da maquinaria os bens confiscados de suas próprias vítimas, enquanto seus corpos, vivos ou mortos, possibilitam a realização dos gloriosos autos-da-fé, verdadeiras apoteoses, espetáculos que mobilizam toda Lisboa, todo o Reino, atraindo até estrangeiros.

Estendendo-se ao longo de quase 24 horas a cada vez, os autos-da-fé proporcionam um maravilhoso desfile de cores e formas, e vasta gama de emoções, desde a piedade até o mais puro ódio, do qual o público é convidado a participar, por exemplo, chamuscando os rostos daqueles que, ainda vivos, estão prestes a ser queimados nas fogueiras, condenados ao fogo eterno dos hereges, nos infernos.

É ao mesmo tempo um ritual de afirmação do poder da igreja sobre os homens — poder totalitário, pior que o de Orwell, que atinge os âmbitos mais íntimos e recôndi-

tos da vida do indivíduo — e um catalizador das emoções negativas, comumente reprimidas da vida civilizada, nisto aproximando-se dos espetáculos radiatórios na decadência do Império Romano.

Desfilam, ao longo das páginas, assim como nos autos-da-fé, as vidas, as sortes e destinos de famílias cristãs-novas, da metrópole e da paradisíaca colônia.

Em dois momentos as asas do sonho de liberdade parecem roçar o destino da colônia de judeus secretos que se estabelecerá no Brasil: quando os holandeses invadem o Nordeste, e quando os franceses tomam o Rio de Janeiro. Estes chegam a libertar um carregamento de acusados pelo Santo Ofício, já aprisionados no bojo de um navio português, e encaminhados aos insaciáveis tribunais lisboetas.

O triste final da história, no entanto, todos conhecemos, já foi mostrado no começo do livro. As inúmeras tristezas que antecedem o final é que são reveladoras de um capítulo sombrio da história brasileira, que permanece, quase sempre, relegado a um quase esquecimento.

LUIS S. KRAUSZ é mestre em Letras Clássicas pela Universidade da Pensilvânia (EUA) e pós-graduado pela Universidade de Zurique (Suíça).

## AS OBRAS

Vínculos do Fogo I, de Alberto Dines. Capa de Hélio de Almeida. Projeto Cultural Banco Safra/ Companhia das Letras (rua Tupi, 522, tel. 011-826-1822, CEP 01233, São Paulo). 1.058 páginas. Cr\$ 387 mil. Tiragem de 4.000 exemplares.

Concerto Barroco às Óperas do Judeu, de Francisco Maciel Silveira. Perspectiva/Edusp (av. Prof. Luciano Gualberto, travessa J, 374, tel. 011-813-8837, CEP 05508, São Paulo). 248 páginas. Cr\$ 111 mil. Tiragem de 1.500 exemplares.

## Dramaturgia revela o 'Judeu'

Especial para a Folha

"Concerto Barroco às Óperas do Judeu" é o título da tese de Francisco Maciel Silveira, publicada pela Perspectiva/Edusp. A publicação é oportuna na medida em que este trabalho complementa o de Alberto Dines. Se em "Vínculos de Fogo" o autor volta-se, principalmente, para as circunstâncias históricas em que viveu Antônio José, Silveira busca resgatar, na obra desse autor, reflexos dos traços de sua personalidade.

Seus predecessores neste empreendimento são brevemente comentados neste interessante trabalho: Gonçalves de Magalhães ("Antônio José ou o Poeta e a Inquisição", 1838), Caetano Castelo Branco ("O Judeu", 1866) e por fim Bernardo Santareno, autor de "O Judeu" (1966), peça criada em meio à obscurantista ditadura de Salazar — período que em muito se assemelhou ao da vigência do terror do Santo Ofício. As circunstâncias da vida e morte do "Judeu" são

também objeto de um capítulo, assim como o processo, carregado de aberrações e fundamentado em confissões extraídas por tortura.

A segunda parte do estudo volta-se para a obra de Antônio José. Esta também é objeto de um metucioso trabalho de resgate, de restituição ao seu verdadeiro criador, na medida em que muitos de seus escritos foram transmitidos como "anônimos". Seus poemas e suas comédias, na maior parte inspiradas em temas da mitologia clássica, adaptados aos propósitos e ao gosto do autor, são analisadas e interpretadas revelando um autor sutil, espirituoso, e que sempre volta a provocar interesse.

Desvendam-se, aos poucos, alguns traços ambíguos e contraditórios — nada mais adequado aos padrões barrocos — da personalidade de Antônio José da Silva, cuja obra e o nome resistiram ao tempo, apesar do estorço destruidor da Inquisição. (Luís Krausz)

## LANÇAMENTOS

### PSICANÁLISE

MULHERES HOMENS - Ensaios Psicanalíticos sobre a Diferença Sexual, de Marie-Claire Boons. Releitura Dumarç (r. Barata Ribeiro, 17/202, tel. 021-542-0248, CEP 22011-000, Rio de Janeiro). 160 páginas. Cr\$ 95 mil.

Ensaios da psicanalista francesa sobre a diferenciação sexual, a partir da elaboração teórica de Lacan.

ESTUDOS PSICANALÍTICOS SOBRE PSICOSOMÁTICA, de Georg Groddeck. Tradução de Neusa M. Soliz. Perspectiva (av. Brig. Luís Antônio, 3.025, tel. 011-885-8388, CEP 01401, São Paulo). 310 páginas. Cr\$ 140 mil.

Textos do alemão Groddeck (1866-1934), médico admirador de Freud, que aplicou a psicanálise como método de diagnóstico.

### POESIA

DO OBJETO ÚTIL, de Moacir Amâncio. Capa: Iluminuras (r. Oscar Freire, 1.233, tel. 011-852-8284, CEP 01426-001, São Paulo). 80 páginas. Cr\$ 79.900,00. Tiragem de 1.500 exemplares.

Poemas a partir de objetos e da vida cotidiana, como "A Decifração das Ruas", "Geografia" e "Paisagem Sem Figuras".

SONOS CURTOS, de Mauricio Salles Vasconcelos. Capa de Gabriela Demarco. Masso Ohno Editor (rua da Consolação, 3.676, tel. 011-280-4833, CEP 01416, São Paulo). 136 pgs. Cr\$ 60 mil. Tiragem de 1.000 exemplares.

Neste seu terceiro livro de poesia, o escritor carioca reúne o que melhor produziu nos últimos dez anos.

### FIÇÃO

ORION RENASCERA, de Poul Anderson. Tradução de Ruy Jungmann. Editora Francisco Alves (r. Sete de Setembro, 177, tel. 021-221-3198, CEP 20050-002, Rio de Janeiro). 522 páginas. Cr\$ 160.200,00.

Ficção científica sobre o império dos Maurais, um povo pacífico que tenta controlar o norte, detentor de arsenais nucleares.

ESCRITO NAS ESTRELAS, de Sidney Sheldon. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record (rua Argentina, 171, tel. 021-585-2000, CEP 20921-380, São Cristóvão, Rio de Janeiro). 416 páginas. Cr\$ 119 mil.

Neste seu 12º romance, Sheldon fala de ambição, sedução, fortunas e fraudes através da heroína Laura Cameron.

### DIDÁTICOS

A DÉCADA DE 50 - Populismo e Metas Desenvolvimentistas no Brasil, de Marly Rodrigues. Editora Ática (rua Barão de Iguape, 110, tel. 011-278-9322, CEP 01507, São Paulo). 88 páginas. Cr\$ 42.600,00.

Estudo didático sobre a movimentação política e social no Brasil. Na mesma coleção, as décadas de 60, 70 e 80.

CRISTÓVÃO COLOMBO, de Martine Sassi. Ilustrações de Annie-Claude Martin. Tradução de Sílvia Lefèvre. Editora Augustus (rua Maratona, 322, tel. 011-61-5306, CEP 04635, São Paulo). 80 páginas. Cr\$ 49.440,00.

Primeiro livro da coleção de bolso da editora francesa Nathan, agora traduzida no Brasil, conta a história do navegador.

### ENSAIOS

O FUTURO DO BRASIL - A América Latina e o Fim da Guerra Fria, org. de José Alvaro Moisés. Editora Paz e Terra (rua do Triunfo, 177, tel. 011-223-6522, CEP 01212, São Paulo). 192 páginas. Cr\$ 82 mil.

Ensaio discutem o novo papel da América Latina, agora que já não é mais alvo da disputa hegemônica entre EUA e URSS.

ANTI-SEMITISMO - Novas Facetas de uma Velha Questão, de Diane Kuperman. Pontal Editora (rua Marquês de Abrantes, 55, tel. 021-285-0847, CEP 22230-060, Rio de Janeiro). 210 páginas. Cr\$ 96 mil.

Estudo sobre o anti-semitismo, apresentado como tese de mestrado, analisa o fenômeno na Europa e no Brasil contemporâneo.

### OUTROS

COMO FOMOS - Juventude de Chumbo, de Maria Cecília Alvares Leite. Capa de Lúcio Kume. Editora Estação Liberdade (rua Fagundes, 43, tel. 011-270-6830, CEP 01508-030, São Paulo). 176 páginas. Cr\$ 105 mil.

Romance sobre estudantes do final da década de 60 na Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

O GUIA DA FLORESTA, de Alex Polari de Alvega. Capa de Isabela Hartz. Nova Era Editora Record (rua Argentina, 171, tel. 021580-3668, CEP 20921-380, São Paulo). 270 páginas. Cr\$ 105 mil.

Relato das experiências do autor entre místicos na Amazônia, a doutrina do Santo Daime e perspectivas para o Terceiro Milênio.